



TRAGÉDIA NO SUL

Previsão de mais chuva

Meteorologistas alertam para a entrada de outra frente fria no Rio Grande do Sul, que deve provocar novos temporais em municípios traumatizados pela enchente. Água invade cidades da orla da Lagoa dos Patos. Número de mortos chega a 100

» VINICIUS DORIA

Temporal acompanhado de fortes ventos sobre a região metropolitana de Porto Alegre, na tarde de ontem, foi o prenúncio de mais dificuldades para um povo traumatizado pela enchente histórica que assola o Rio Grande do Sul. Os trabalhos de resgate tiveram que ser suspensos no Lago Guaíba, que banha a capital. A Defesa Civil do estado emitiu alerta para a possibilidade de mais chuva e ventos que podem passar de 90km/h.

Segundo a MetSul Meteorologia, a entrada de uma frente fria no estado, ontem, deve acabar com a breve trégua que o mau tempo deu nos últimos dois dias e que permitiu o avanço do trabalho de resgate de moradores que ainda estão ilhados nas áreas alagadas. A previsão para hoje é de queda de temperatura em todo o Rio Grande do Sul, o que aumenta a preocupação das autoridades em relação aos cuidados com os desabrigados. Muitos só saíram de casa com a roupa do corpo.

De acordo com o Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet), a temperatura deve variar entre 4°C a 8°C nas áreas mais frias do sudoeste, do Planalto e da Serra. Na capital, a mínima fica ao redor dos 12°C. O mau tempo e o frio devem prevalecer até o início da próxima semana.

Segundo a Defesa Civil, em boletim divulgado no fim da tarde de ontem, 100 pessoas morreram desde que os temporais começaram a atingir o Rio Grande do Sul, na semana passada. Ainda há 130 desaparecidos, 425 feridos e 163,7 mil desalojados nos 425 municípios afetados pela tragédia ambiental. Quase 70 mil pessoas estão alojadas em abrigos públicos e de voluntários.

As duas maiores distribuidoras de energia elétrica do estado, CEEE Equatorial e RGE,

Prefeitura de Rio Grande/Divulgação



Elevação do nível da Lagoa dos Patos atinge Rio Grande: vários bairros estão alagados desde ontem na cidade que sedia o principal porto do estado

informaram que subiu para 458 mil o número de unidades consumidoras, um aumento de 50 mil pontos ante a situação de terça-feira.

Pelotas e Rio Grande

A mudança no tempo também vai afetar as duas maiores cidades às margens da Lagoa dos Patos. Pelotas e Rio Grande começaram a enfrentar, ontem, a alagamentos provocados pelo aumento do nível da lagoa. Em Pelotas, voluntários e servidores públicos passam o dia empilhando sacos de areia na orla para barrar a entrada da água, mas a inundação foi inevitável. Nas duas cidades, vários bairros já estão inundados.

A Universidade Federal do Rio Grande (Furg) estima, no cenário mais severo, que o nível da lagoa suba até 1,65m acima do normal, o que significaria bater a marca da enchente histórica de 1941, quando o nível se elevou em 40cm. A situação deve atingir seu ponto crítico a partir de hoje e se prolongar até o início da semana que vem.

Para os especialistas, além do grande volume de água que chega do Lago Guaíba, na região metropolitana de Porto Alegre, outro fator ajuda a agravar a situação: o conhecido (para os gaúchos) minuano, o vento que vem do sul do continente, que derruba temperaturas e age como uma barreira natural da ligação da Lagoa dos Patos com o Oceano Atlântico pelo canal

Anselmo Cunha/AFP



Equipes de resgate enfrentaram chuva forte, ontem, em Porto Alegre

de Rio Grande, onde está um dos portos mais importantes do país. Já estão os fatores da chamada "tempestade perfeita", que assusta os especialistas.

O prefeito de Rio Grande, Fábio Branco, determinou a retirada de todos os moradores das ilhas do município, mas enfrenta a resistência das pessoas, que insistem em não abandonar suas casas. "Estamos há dias conversando com a população de lá, mas muita gente não quer sair com medo de saques. Preferem ficar e proteger o patrimônio", disse ele, em entrevista. "Pelos prognósticos que recebemos, essa deve ser a maior enchente da cidade desde 1941", previu ele.

Para a MetSul Meteorologia, a quantidade de água que percorre os 300km entre o Guaíba e o sul da Lagoa dos Patos é "extraordinária". Em Pelotas, a quarta cidade mais populosa do estado, a enchente atingirá áreas que jamais foram alagadas. Em Rio Grande, a inundação atinge a região central, mas as operações do porto seguem sem interrupção. Ainda há previsão de bloqueios totais e parciais das estradas que ligam o sul do estado à capital e ao interior. A inundação também pode unir, de forma inédita, as lagoas dos Patos e Mirim em uma única massa de água.

Enquanto as enchentes castigam a capital e o sul do estado, nos municípios que ficam às margens dos rios Taquari, Jacuí, Caí e de seus afluentes começaram a ver a dimensão da tragédia, com a redução do nível das águas. O cenário é de destruição na maioria das cidades, com bairros inteiros devastados pela força da enchente. Em Cruzeiro do Sul, no Vale do Taquari, a situação é dramática. O município registrou oito mortes até agora. No bairro Passo de Estrela, com 3 mil moradores, cerca de 500 casas foram completamente destruídas. A trégua da chuva deve ser interrompida nos próximos dias, com a chegada da nova frente fria.

» Entrevista | JAIRO JORGE | PREFEITO DE CANOAS

"As pessoas estão desesperadas"

» HENRIQUE LESSA

Situada na região metropolitana de Porto Alegre, Canoas é uma das cidades mais castigadas pelas enchentes. Dois terços da área urbana do município foram inundados, com mais de 180 mil pessoas desalojadas. Em entrevista ao Correio, o prefeito Jairo Jorge (PSD), conta o drama da cidade. Confira os principais trechos:

Qual é a situação da cidade?

Canoas foi duramente atingida, temos dois terços do território da cidade inundados, temos 180 mil pessoas atingidas, 80 mil residências, empresas e comércios totalmente danificados. A infraestrutura da prefeitura, unidades básicas de saúde, escolas, prédios públicos, 60% deles estão inabitáveis. Serão alguns bilhões de investimentos para recuperar o nosso município. Somos a terceira população do Rio Grande do Sul e a maior arrecadação de ICMS do estado. Somos um polo industrial, mas grande parte está

embaixo da água. Isso afeta a economia de Canoas e a economia do Rio Grande do Sul.

Essa água chegou a quase 10 metros? Quando baixa?

A água baixou 40 centímetros nas últimas horas, mas há uma previsão de chuva nas próximas 48 e 72 horas, o que é um problema. A previsão é de levar uma semana para baixar um metro. Como temos em média 5 metros, com alguns lugares chegando a 7 metros, você vê que é muita água. A previsão é de 45 dias.

Falhou a prevenção da prefeitura nos diques?

Isso aconteceu porque o sistema de proteção foi elaborado para a enchente de 1941. A cota é de 5 metros. O ápice da enchente de 1941 foi de menos de 4,75 metros. Como a água dessa vez foi muito alta, acabou causando todo esse problema, agora o objetivo é tirar a água, e depois trabalhar para ampliar o nosso sistema de proteção elevando o nível dele. Isso destruiu a cidade e não podemos permitir que aconteça novamente.

Divulgação



Quantas pessoas estão abrigadas?

Nós temos 72 centros de abrigamento com 22 mil pessoas que estão desabrigadas nesses centros com apoio. Aqui de onde falo é um centro desses de entrega de alimento e as pessoas estão desesperadas, precisamos de ajuda, precisamos de alimentos, material de higiene, material de limpeza. Uma parte dessas 22 mil pessoas, cerca de 40%, está dormindo no chão, pois não temos colchões. As pessoas estão com fome, estão desesperadas. É importante que nos ajudem, nos apoiem. Talvez seja a situação mais grave no Brasil, uma

cidade de 350 mil habitantes com 2/3 inundados.

E quem não está nos abrigos foi para onde?

Elas estão em casa de familiares. A grande maioria foi para os bairros que não foram atingidos. Temos também muita gente nas ruas, dentro de carros, acampando em praças. E agora estamos em uma crise de abastecimento que as pessoas não têm o que comer.

E o abastecimento de água?

Nós temos 100% da cidade sem água, temos apenas um terço da cidade com luz, o resto está sem

energia. Imagina a precariedade de abastecer 180 mil pessoas com caminhões-pipa.

Circularam notícias que haveria corpos boiando nas áreas alagadas, isso se confirmou?

Isso não se confirma. Temos dois óbitos, é possível que tenhamos mais. Mas eu fiz uma vistoria de barco e uma vistoria de helicóptero. Também fui ao epicentro, a região mais atingida onde aconteceu o rompimento do dique. Lá é onde poderíamos verificar isso, mas não se confirma. Estamos com muitos problemas de fake news.

Têm chegado relatos de saques e assaltos. Alguém já foi preso?

Brigada Militar prendeu dois meliantes que estavam fazendo esse tipo de furto. A Polícia Militar está atuando, temos a Polícia Civil. A Força Nacional chegou aqui também, há um reforço no policiamento. A gente tem aqui, como no resto do Brasil, a presença de facções, e elas estão atuando forte aqui. APM está fazendo o patrulhamento, tanto na área seca, onde nós dobramos a população, como por barco na área inundada. Mas imagina que as pessoas perderam tudo e, ainda assim, os meliantes estão roubando o pouco que sobrou.

O senhor esteve com o presidente Lula e o ministro Pimenta. O que eles apresentaram para o senhor?

Eu acredito que o governo federal vai estender a mão e vai criar mecanismos. Nós temos aqui prejuízos de bilhões. Não serão certamente 600 milhões que vão resolver os problemas de Canoas ou do Rio Grande do Sul. Falei rapidamente com o presidente Lula, com o ministro Paulo Pimenta. Conheço o ministro há muito tempo e tenho certeza de que eles vão interceder pelo estado. É claro que ainda estamos em uma fase muito inicial, mas eu acredito que o presidente Lula é sensível.

A ministra Nísia Trindade também conversou com o senhor?

Com a ministra Nísia falamos sobre a nossa estrutura de saúde, perdemos o nosso hospital de pronto-socorro, totalmente comprometido. Das 27 unidades básicas de saúde, perdemos 19. Das nossas quatro UPAs, perdemos três. Das cinco farmácias distritais, perdemos quatro. Perdemos os quatro CAPs da cidade. É um dano muito difícil de recuperar. O hospital vai precisar de todos os equipamentos. Vai exigir um grande esforço.

Como está o acesso a Canoas?

Os acessos estão comprometidos. De Canoas até Porto Alegre é geralmente em 40 minutos, agora estamos levando quase 3 horas. Esse é o grande problema que nós estamos enfrentando com o desabastecimento.